

# Millôr Fernandes – Poemeu a superstição é imortal

Quando eu era bem menino  
Tinha fadas no jardim  
No porão um monstro albino  
E uma bruxa bem ruim.

Cada lâmpada tinha um gênio  
Que virava ano em milênio  
E, coisa bem mais perversa,  
Sapo em rei e vice-versa.

Tinha Ciclope, Centauro,  
Autósito, Hidra e megera,  
Fênix, Grifo, Minotauro,  
Magia, pasmo e quimera.

Mas aí surgiram no horizonte  
Além de Custer e seus confederados  
A tecnologia mastodonte  
Com tecnologistas bem safados.  
Esses homens da ciência me provaram  
Que duendes, bruxas e omacéfalos  
Eram produtos imbecis de meu encéfalo.  
Nunca existiram e nunca existirão:  
uma decepção!

Mas continuo inocente, acho.  
Ou burro, bobo, ou borracho.  
Pois toda noite eu vejo todo dia  
Tudo que é estranho, raro, ou anomalia:  
Padres sibilas  
Hidras estruturalistas  
Ministros gorilas  
Avis raras feministas

Políticos de duas cabeças  
Unicórnios marxistas  
Antropólogas travessas  
Mactocerontes psicanalistas  
Cisnes pretos arquitetos  
Economistas sereias  
Democratas por decreto  
E beldades feias  
Que invadem a minha caverna  
E me matam de aflição  
Saindo da lanterna  
Da televisão.

**Millôr Fernandes, Poemas**